



Meandros da economia do compartilhamento: uma perspectiva sociológica

Tatiana Hora Alves de Lima¹

Jefferson Dantas Santos²

Meanders of the sharing economy: a sociological perspective

Significados de la economía compartida: una perspectiva sociológica

Resenha do livro: Rivera, Javier de Outomuro. *Crítica de la economía colaborativa: análisis del modelo y sus alternativas desde una perspectiva sociológica*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2021.

Javier de Rivera é professor da Universidade de Vigo, na Espanha. Dedicar-se às mudanças sociais provocadas pelas tecnologias na economia e nas relações sociais com base na economia de compartilhamento e das plataformas digitais, consideradas por ele instituições digitais. Mas o que significa compartilhar no contexto da economia hoje?

A assunção da *Shared Economy* trouxe desafios para as esferas econômica, política e social em muitos países. Sua expansão associada às plataformas digitais provocou mudanças em legislações e formas de viver. Nesse sentido, o autor trata a Economia Compartilhada como uma instituição econômica, dado que o

1 Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte – Brasil – tati_hora@hotmail.com – ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7716-1732> – LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5480729653129254>.

2 Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP) – Campinas – Brasil – jefferson.santos@secult.ce.gov.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5463-2105> – LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1673147412983228>.

surgimento de novas formas de consumo e produção constituem uma nova instituição que é fomentada pela revolução tecnológica. Trata-se de um fenômeno realmente empreendedor, como percebido por Joseph Schumpeter (1957), uma vez que tem mudado toda a concepção econômica.

Nesse quadro, o progresso do computador e da internet se consolida como ponto transcendental no desenvolvimento da economia globalizada. O computador como ferramenta facilitadora da análise da informação permitiu o surgimento de plataformas de base tecnológica para fomentar a comunicação entre os usuários. Portanto, a economia compartilhada compreende: consumo colaborativo, educação compartilhada, produção colaborativa e financiamento compartilhado, conforme sublinhado por Rachel Botsman e Roo Rogers (2013).

O livro recenseado possui oito capítulos, por meio dos quais o autor defenderá a ideia de uma sociologia das instituições digitais. Em suas palavras: “La idea principal es que las plataformas digitales son instituciones sociales y que la sociología tiene que estudiarlas en cuanto tales” (Rivera, 2021: 18). Só conhecendo a estrutura é que a sociedade poderá controlar as plataformas digitais e, assim, dar um sentido comum e público ao universo dos dados.

O autor enseja que conheçamos as características, significados e implicações dessa crescente economia e as promessas das plataformas colaborativas. Os interesses no digital e no compartilhamento devem ser entendidos desde o início como forma de dominação e acumulação capitalista. O autor, por meio de uma *netnografía estructural*, salienta que existem pelo menos dois tipos fulcrais de solidariedade social nas plataformas digitais: 1. as dominantes que buscam efetivamente lucro, como *Amazon* e *Mercado Libre*; 2. as que tem uma inclinação para o social, que podem vir a indicar possíveis realidade sociais alternativas, tais como *Be Welcome*.

Javier de Rivera mostra que as plataformas colaborativas surgem com uma tripla promessa: estímulo à economia, a sustentabilidade ambiental e um novo modelo societal. Ele salienta que as plataformas, com frequência, narram certo empoderamento dos sujeitos sobre as estruturas tradicionais ao compartilharem serviços antes operados por estruturas, a exemplo do Airbnb, ao relativizar o poder das redes hoteleiras. Contudo, segundo o autor, isso não passa de fetiche com novidades, haja vista o fortalecimento do capitalismo de plataforma³ e o aprofundamento da lógica do novo espírito do capitalismo. Influenciado por Boltanski e Chiapello (2009), Rivera diz que as plataformas estão adensando

3 *Platform Capitalism*. Termo cunhado por Nick Srnicek (2017).

lógica sociais baseadas em três características: construção da reputação individual *on line*, cidades por projeto e as relações laborais desprotegidas.

Quanto à construção da reputação *on line*, o autor destaca como efeito deletério das plataformas o ranqueamento lastreado na comunicação entre o prestador e o usuário do serviço, permanentemente convidado a dar um *feedback* sobre a experiência com os indivíduos. Essas informações geram, de um lado, a confiança necessária ao funcionamento da rede, pois as pessoas são desconhecidas, e, por outro lado, a reputação individual de cada um – esse fenômeno é batizado pelo autor de *individualismo en red*.

No tocante às cidades enquanto projetos, lembra-nos a obra *The Rise of Creative Class* – que trata dos ambientes criativos e digitais em todo mundo, ilhas de criatividade, como o Vale do Silício. Os principais argumentos para que essas cidades abracem a economia do compartilhamento são a sustentabilidade dos recursos naturais, o desenvolvimento de capital humano e governança e participação digitais.

A sustentabilidade significa uma continua busca por evitar desperdícios, freando danos causados pelo consumo e pelo esgotamento de recursos. O uso de um recurso por mais pessoas é uma alternativa para reduzir a intensidade do carbono e dos recursos das cidades. A cidade sustentável é elaborada de modo que seus habitantes satisfaçam suas necessidades, unindo bem-estar pessoal e ambiente natural, observando a manutenção dos recursos elementares para a reprodução social. A sustentabilidade é um dos pontos mais relevantes em projetos arquitetônicos e urbanísticos, mirando um horizonte que alinhe a tecnologia a favor do meio ambiente. Tal relevância, dentro do contexto capitalista, gera competitividade, sendo que as *smart cities* possuem um papel importante na revitalização dos centros urbanos, visto que o fomento às atividades culturais leva à criação de espaços e equipamentos importantes, trazendo maior vitalidade à cidade, atraindo mais pessoas e diferentes culturas, os três “T’s” – tecnologia, talento e tolerância, que são, segundo Florida (2002), fundamentais para as cidades e a economia de hoje.

Quanto ao capital humano e as cidades, Javier de Rivera cita Manuel Castells para narrar as mudanças dessa nova economia baseada na transformação do espaço e do tempo de trabalho, que vem mudando a relação entre os lugares, global e local, ao formatar uma rede por meio das tecnologias da informação e comunicação e, conseqüentemente, a aferição de lucro.

As companhias de tecnologia e informação formam *clusters* que terminam adensando trabalhadores altamente qualificados e especializados. Nesse contexto, “los trabajadores del sector participan de los valores culturales del

capitalismo digital, considerándose a si mesmos como responsables de su próprio éxito laboral, capaces de inovar y de trabajar com certa autonomia” (Rivera, 2021: 190).

A socióloga inglesa Ursula Huws, por seu turno, lembra que a posição desses trabalhadores é ambígua, pois “os trabalhadores criativos não são apenas os arquitetos da mercadorização, eles são também suas vítimas” (Huws, 2015: 90). Ursula Huws aponta ainda que o conhecimento e o digital geraram uma ortodoxia capaz de moldar os direitos sociais, trabalhistas e previdenciários.

Obviamente, o capitalismo não sucumbiu a outras formas de trabalho, se tem, na realidade, a combinação de formas modernas e antigas. Pensando no Brasil e em outras regiões do mundo, o trabalho escravo ainda é realidade. A moda é um setor que exemplifica essa relação. De um lado, o luxo; do outro, a escravidão. Basta olharmos para os desfiles mundiais da moda e as oficinas de confecção com trabalho escravo e pauperizado de imigrantes e, até mesmo, crianças, tal como ocorrido em São Paulo. O mesmo ainda se dá nas empresas vinícolas do Sul do Brasil, em que, em pleno 2023, se registrou trabalhadores migrantes em condições análogas à escravidão.

Sobre a governança e participação digitais, a alta tecnologia expressa na *internet of things* (internet das coisas), na inteligência artificial e no *big data* tem sido utilizada no serviço público. Há demanda grande de aperfeiçoamento dos serviços estatais e o uso da tecnologia potencializará o trabalho, elevando a níveis nunca pensados a conectividade entre pessoas e entre elas e objetos, além de coletar e analisar dados em quantidade, qualidade e tempo sobremaneira eficientes.

Quanto à participação social por meio de dispositivos tecnológicos, destaca-se o alcance social das ferramentas de comunicação, permitindo consultas públicas, indicações, reclamações e solicitações de serviços em tempo real, com custo operacional baixo: diversos serviços públicos podem ser prestados digitalmente, sem a presença do usuário e diminuindo prazos.

Os processos administrativos ganharam eficiência com recursos tecnológicos e, somada à maior participação popular, maior transparência nas decisões. Em outras palavras, com melhor governança, as soluções da administração podem ser implementadas eficazmente.

Para além desse lado positivo, existe a prática. Pesquisadores apontam que é cabal a mudança de estratégia, buscando mutualizar as políticas, comunidade e pesquisas para efetivação da qualidade de vida nas cidades, implicando na abordagem de diferentes técnicas de conhecimento, a criação de fóruns comunitários e a intervenção ativa de pesquisadores, indo muito além da aplicação restrita de tecnologias. O autor espanhol entende que, apesar das tentativas de

reformular “compartilhamento” para uma ideia centrada diretamente na cidadania, o urbanismo enquanto planejamento tem suas raízes em práticas paternalistas que não abarcam os direitos sociais e o bem-estar urbano.

Quanto às relações de trabalho desprotegidas, com frequência, eles trabalham à medida que produzem, estão sempre disponíveis ao trabalho e não possuem direitos previdenciários ou trabalhistas. Nesse processo, o trabalhador arca com todos os custos e riscos no exercício de sua profissão. Ilustram tal processo o trabalho desenvolvido no âmbito da *Uber*, *Deliveroo* e *Ifood*,

A plataformação do trabalho significa ainda uma desantropomorfização do labor, pois a plataforma termina escondendo os sujeitos e o sofrimento que estão por trás do trabalho, seja entregando as encomendas ou nas “fazendas de likes”. As plataformas têm uma dimensão biopolítica. Como se sabe, o biopoder é a capacidade de administrar corpos, mas também amplas populações monitorada por meio de cálculos e métodos; no caso, o algoritmo. Nessa parte do livro, é impossível não lembrar do livro de Jathan Sadowski – *Too Smart: How Digital Capitalism Is Extracting Data, Controlling Our Lives, and Taking Over the World*.

A biopolítica com as plataformas digitais é ampliada. O controle é exercido tão distante quanto aproximado do trabalhador, que tem metas altas e prazos curtos para o seu cumprimento. Somado a isso, tem-se a georreferenciação, que controla os passos desse trabalhador. O que, no primeiro momento, apareceu como item de segurança, hoje se revela um instrumento de controle.

O trabalho em plataformas e a ideologia do Vale do Silício precisam ser desmistificadas. As tecnologias em si não são boas nem más. As feições que possuem hoje são fruto do sistema econômico que as rege. É necessário enfrentar as *big techs* e defender a desmercantilização dos dados, tornando-os em recursos comuns e submeter as empresas e o trabalho digital às leis já existentes, para que a sociedade tenha controle sobre elas. Essa seria a forma mais eficiente de combater o capitalismo digital.

O trabalho em plataforma e a economia do compartilhamento são expressões da luta de classes, uma vez que criaram uma nova geopolítica do trabalho, separando, cada vez mais, o norte do sul global. Essas empresas têm elevado, de um lado, a precarização dos trabalhadores e gerado bilionários do outro.

A crítica desse processo, segundo Javier de Rivera, dá-se politicamente, mas também mediante uma sociologia das instituições digitais que termina por evidenciar aspectos constitutivos dessa nova morfologia da economia e do trabalho em ambiente digital, apontando suas contradições e alternativas. Por fim, o livro é excelente para o leitor que se interessa por temas ligados ao universo digital em perspectiva crítica.

Bibliografia

- BOLTANSKI, Luc e CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo, Martins Fontes, 2009.
- BOTSMAN, RACHEL e ROGERS, Roo. *What's mine is yours: How Collaborative Consumption is changing the way we live*. Londres, Harper Business, 2010.
- FLORIDA, Richard. *The Rise of the Creative Class*. And how it's transforming work, leisure and everyday life. Nova Iorque, Basic Books, 2002.
- GROHMANN, Rafael. *Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas/ Alessandro Delfanti.. et al.: organização Rafael Grohmann*. São Paulo, Boitempo, 2021.
- HUWS, Ursula. Mundo material: o mito da economia imaterial. *Mediações*, Londrina, v. 16, n. 1, 2011, pp. 24-54, Jan./Jun.
- HUWS, Ursula. A ignição no motor: trabalhadores criativos na economia global. Tradução de Lucas Della Iglezia. *Parágrafo*. [S. l.], jan./jun. 2015, v. 1, n. 3.
- RIVERA, Javier de Outomuro. *Crítica de la economía colaborativa: análisis del modelo y sus alternativas desde una perspectiva sociológica*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2021.
- RIVERA, Javier de Outomuro. A Guide to Understanding and Combatting Digital Capitalism. *tripleC*. [S. l.], v. 18, n. 2, 2020, pp. 725-743. Disponível em: <https://www.triple-c.at/index.php/tripleC/article/view/1173>. Acesso em: 01 mar. 2023. DOI <https://doi.org/10.31269/triplec.v18i2.1173>
- SADOWSKI, J. *Too Smart: How Digital Capitalism Is Extracting Data, Controlling Our Lives, and Taking Over the World*. Cambridge MA USA, The MIT Press, 2020.
- SCHUMPETER, Joseph A. *The theory of economic development*. Cambridge, Harvard University, 1957.
- SRNICEK, Nick. *Platform capitalism*. Cambridge, Polity Press, 2017.

Recebido em: 27/06/2023

Aprovado em: 16/11/2023

Como citar esta resenha:

- LIMA, Tatiana Hora Alves de; SANTOS, Jefferson Dantas. Meandros da economia do compartilhamento: uma perspectiva sociológica. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 13, n. 2, maio - agosto. 2023, pp. 669-674.